

## POESIA QUILOMBOLA - UM ENSINO AFRO- BRASILEIRO NA VOZ DA MULHER QUILOMBOLA

*Patrícia Karla de Moraes<sup>1</sup>*

*Walace Rodrigues<sup>2</sup>*

### Resumo

Este artigo faz parte de um recorte de um trabalho dissertativo desenvolvido. Trata-se de uma proposta de ensino voltada para a análise de Poesias Quilombolas de autoria de Mulheres Quilombolas através de escritoras Negras. Nesse sentido, a presente pesquisa objetiva analisar Poesias Quilombolas e conduzindo para o campo educacional uma proposta que possibilite a construção de um ensino que resgate o Quilombo por meio das vozes femininas. Para tanto procurou-se realizar uma revisão bibliográfica para compor um referencial teórico que possibilitasse a compreensão do objeto de estudo. Este trabalho contribui para que uma nova proposta esteja sendo inserida no campo educacional, a partir das vozes que surgem do Quilombo.

**Palavras-chave:** Poesia Afro-Brasileira; Poesia Quilombola; Mulher Quilombola.

### QUILOMBOLA POETRY – THE CONSTRUCTION OF AN AFRO-BRAZILIAN TEACHING IN THE VOICE OF THE QUILOMBOLA WOMAN

### Abstract

This article is part of an excerpt from a dissertation developed in the degree. This is a teaching proposal focused on the analysis of Quilombola Poetry written by Quilombola Women through Black writers. In this sense, the present research aims to analyze Quilombola Poetry and taking a proposal to the educational field that enables the construction of teaching that rescues the Quilombo through female voices. To this end, we attempted to carry out a bibliographical review to compose a theoretical framework that would enable the understanding of the object of study. This work contributes to the insertion of a new proposal in the educational field, based on the voices that emerge from Quilombo.

**Keywords:** Afro-Brazilian Poetry; Quilombola Poetry; Quilombola Woman.

<sup>1</sup> Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Respectivas Literaturas - UNITINS Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL) da Universidade Federal do Tocantins. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1554-4329>.

E-mail: [patriciapkm@hotmail.com](mailto:patriciapkm@hotmail.com).

<sup>2</sup> Pós-Doutor pela Universidade de Brasília – UnB/POSLIT. Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Licenciado pleno em Educação Artística pela UERJ, com complementação pedagógica em Letras/Português e em Pedagogia. Professor da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (PPGLit/UFNT).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9082-5203>. E-mail: [walacewalace@hotmail.com](mailto:walacewalace@hotmail.com).

## 1 Introdução

O presente trabalho apresenta uma perspectiva diferenciada ao campo educacional, com uma proposta de ensino voltada para a análise de poemas de autoras Quilombolas, a partir do pensamento de escritoras Negras, pesquisa desenvolvida. Ao compreender que a Poesia Quilombola começa a tomar forma no campo das literaturas e inicia seu papel em construir um caminho que resgate a necessidade de olhar para dentro do Quilombo, a partir de escritas que surgem para fortalecer os quilombolas, mas, principalmente, exaltar as riquezas de saberes que existem nas Comunidades Quilombolas, partindo do pensamento que o quilombo é um dos “lugares de memória”, expressão citada por Pierre Nora (1993), do povo negro e afrodescendente.

A sociedade brasileira possui um histórico de discriminação e exclusão perante a população Negra e a sua cultura. Com isso, os estereótipos construídos ao longo dos séculos tomaram força e permanecem na atualidade. Essa constatação traz a necessidade de uma reconfiguração da maneira como hoje a população negra e seus instrumentos culturais têm sido analisados e colocados como prioridade dentro da sociedade.

Dentro dessa concepção, esse estudo tem como caminho a inclusão da Mulher Quilombola como poeta, trazendo reflexões sobre uma abordagem educacional. O que leva a refletir inicialmente sobre os movimentos sociais negros, seu papel em despertar uma consciência social, mas, principalmente, trazer para o movimento o papel de educador, algo abordado por Nilma Lino Gomes (2017):

Essa relação ambígua estabelecida pelo Movimento Negro com a educação, a escola, o conhecimento científico e os saberes produzidos pela comunidade negra e pelo próprio movimento requer uma reflexão mais profunda. Concordamos com Boaventura de Sousa Santos que a tensa relação entre o conhecimento científico e as outras formas de conhecer extrapola o mundo da ciência e atinge a sociedade de um modo geral. Nesse processo, algumas instituições sociais podem ser mais ou menos afetadas. Em nossa opinião, a escola é uma das principais instituições afetadas por essa tensão, pois ela é socialmente responsável pela transmissão e socialização do conhecimento. Mas qual é o conhecimento que a escola se vê como instituição responsável a transmitir? Por mais que hoje tenhamos mais experiências de educação e diversidade, ainda é possível afirmar que é o conhecimento científico, e não as outras formas de conhecer produzidas pelos setores populares e pelos movimentos sociais (Gomes, 2017, p. 53).

Nesse ponto, Gomes (2017) trata sobre a necessidade de fazer uma reflexão mais aprofundada sobre como o conhecimento científico e eurocêntrico têm sido valorizados no campo educacional. Além de enfatizar que “os saberes produzidos, articulados e sistematizados pelo Movimento Negro têm a capacidade de subverter a teoria educacional, construir a pedagogia das ausências e resistências, repensar a escola, decolonizar os currículos” (Gomes, 2017, p. 139), visando o fortalecimento do Estado Democrático de Diretos.<sup>3</sup>

No Quilombo, a consolidação de um território, onde pudessem viver e lutar por sua in- dependência, pois, como traz Manuel Correia de Andrade (2001), “o quilombo não era, de um modo geral, um sonho libertário para os negros, mas uma aspiração de conquistar a liberdade, uma luta para se livrar do cativeiro” (Andrade, 2001, p. 80). Os Quilombos se tornaram uma possibilidade de liberdade, um desejo, por ser algo além de apenas escravizado. Dentro dessa visão pela liberdade, Palmares se concentra como um dos principais norteadores Negros, considerando que o próprio sistema escravista o percebia como um obstáculo.

Trazer Palmares para as discussões com relação ao processo de resistência e conquistas da população Negra é para dar os créditos a quem iniciou essa batalha por liberdade, considerando, que, a partir do início dos quilombos, desse processo de fuga para a busca pela liberdade, é possível perceber que Palmares não estava apenas ligado a uma liberdade física, mas social e cultural.

Nesse caminho, buscamos trazer à tona, através da Poesia Quilombola, o resgate do orgulho das Comunidades Remanescentes de Quilombos e a necessidade do conhecimento sobre seus antepassados. Compreendendo que precisam parar para falar do que é ser quilombola, dos seus ancestrais, da sua história, por meio de sua perspectiva, não mais a do outro. Temos que deixar que nossos velhos se expressem e, a partir daí, que possamos constatar a força que carrega a Literatura Afro-brasileira, uma literatura escrita por negros, que luta pelo resgate de seu lugar de fala e pela perpetuação de sua história.

Partimos das discussões de autores como Rodrigues (2016), Dealdina (2020), Ribeiro (2019), Nascimento (2021) e hooks (1995) que nos orientaram para a compreensão das abordagens aqui dispostas sobre a força que se encontra nas

---

<sup>3</sup> Respeito às normas democráticas, com eleições livres, periódicas e pelo povo, além do respeito das autoridades públicas aos direitos e garantias fundamentais dos cidadãos.

Poesias Quilombolas e da necessidade de enxergá-las para perpetuação da riqueza cultural e histórica do Quilombo.

## 2 Poesia Afro-Brasileira

Todos somos poetas, uns buscam eternizar no papel as doçuras e amarguras do viver, outros perdem-se apreciando a poesia que é viver. Falar de poesia é aprender a se colocar no universo poético do outro e a entregar-se, como define Floriano Martins, “O mais absoluto estado de entrega ao mundo.” É se descobrir para o mundo e deixar que o mundo se transforme através de seus versos. Mas para além disto, o poema configura-se como um lugar de resistência e luta. Alfredo Bosi (2015) trata do conceito de poesia como resistência e afirma que essa possui diversas faces:

A forma mais evidente é a poesia de crítica social, de ataque, de sátira. Mas não é a única. Às vezes o poeta entra muito dentro de si mesmo e sua forte carga subjetiva involuntariamente se opõe aquilo que é a prosa do mundo, a prosa ideológica. Não que ele faça uma proposta formal de ataque à sociedade, mas a sua linguagem é tão estranha e tão diferenciada em relação àquilo que **é a linguagem ideologizada**, ou a do senso comum, que **ela se transforma em resistência** (Bosi, 2015, p. 9, grifo nosso).

Segundo o autor, uma poesia que foge da proposta lúdica e romantizada e dá lugar ao sentimento real do autor a partir de sua perspectiva, com o olhar do seu mundo, que pode até estar partido ao meio, mas tem o poder de falar a quem se dispõe a ouvi-la. Jair Cortés (2009) define: “a poesia é um vidro, talvez quebrado; através dele posso olhar o mundo” (Cortés, 2009, p. 64). Essa visão do mundo pelo olhar de quem vive em cacos é diferente daquela de quem vive admirando as flores. Miriam Alves (2010), explica que é necessário um reconhecimento dessa literatura, pois:

A história da literatura Afro-brasileira ainda tem muito que ser lida, estudada e analisada [...] Assim, para preencher os espaços em branco do estudo da literatura brasileira, urge considerar a Literatura Negra/Literatura Afro-brasileira dentro de seu contexto de surgimento e existência, revelando as faces de um Brasilafro em versos e em prosa. Continuar afirmando a sua inexistência ou a qualidade inferior dos textos é reafirmar parâmetros que insistem em olhar a sociedade brasileira longe da diversidade sociocultural que a sustém (Alves, 2010, p. 57).

A Poesia Afro-brasileira se manifesta para revelar os sentidos por trás dos olhares do branco, onde o autor inicia sua reconstrução partindo de novas descobertas, longe das amarras que o prendiam. Para falar de Poesia Afro-

brasileira, é preciso citar os *Cadernos Negros*, que surgem no momento em que os Movimentos Negros começam a buscar espaços que os negros não tinham acesso, o que fez com que tomassem consciência de que necessitam lutar por seus direitos e, nisso, se inclui a divulgação de suas obras dos escritores. Patricia Anunciada de Oliveira (2020) explica o uso do nome:

*Cadernos Negros* foi uma homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus, autora da célebre obra *Quarto de despejo*, diário de uma favelada, dentre outras, que escrevia seus poemas, letras de música e a história de sua vida em cadernos. O objetivo inicial era formar um coletivo de escritores e escritoras negras e publicar suas poesias e seus contos, assim como formar um público-leitor de suas obras. O primeiro volume foi lançado um ano após da morte de Carolina (Oliveira, 2020, p. 4).

A primeira publicação dos *Cadernos Negros* foi em 1978, com participação de: Luís Silva (Cuti), Jamu Minka, Henrique Cunha Jr., Angela Lopes Galvão, Eduardo de Oliveira, Hugo Ferreira, Celinha e Oswaldo de Camargo, que tentaram publicar em editoras, mas nenhuma aceitou e decidiram financiar a própria publicação. O lançamento do primeiro volume ocorreu no Festival Comunitário Negro Zumbi (Feconezu), em Araraquara.

A Poesia Afro-brasileira ao mesmo tempo que é de luta e resistência, também conhecemos mais e melhor sobre a vida dos afro-brasileiros. São escritas para retirar o grito entalado na garganta, fazer com que ouçam a voz dos silenciados e passem a refletir sobre o que dizem. O intuito não é apaziguar e sim escancarar todas as verdades que se encontravam ocultas. Dentro do *corpus* dessa poesia, é possível observar novos caminhos se abrindo, há um espaço para que outros escritores possam aflorar mais de sua escrita sensível e estejam empenhados em construir concretamente uma poesia de resgate de identidades negras e, que desse resgate, surja a Poesia Quilombola, empenhada em construir vozes poéticas que ecoem pela estrutura da sociedade.

## 2.1 Poesia quilombola

Quilombo nos remete a um lugar de resistência, de retorno às raízes ancestrais, do respeito, da luta por liberdade, por igualdade de direitos, do afeto, da força, de um povo que busca perpetuar sua história, que honra aos seus e sabe do valor dos que vieram antes e dos que estão por vir. Como Beatriz Nascimento (2018) acrescenta, “o quilombo representa um instrumento vigoroso no processo

de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica e nacional” (Nascimento, 2018, p. 294). E explica que o quilombo:

Passou a ser sinônimo de povo negro, de comportamento do africano e de seus descendentes e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, da atitude à associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra (Nascimento, 2018, p. 294).

Dessa maneira, o Quilombo tornou-se mais que um lugar de refúgio, passando a representar a força do negro em busca da liberdade, um espaço que remete a uma história marcada pela bravura, por não desistir de acreditar na liberdade e é deste lugar que emerge a Poesia Quilombola, uma poesia que não busca satisfazer os ouvidos dos que lhes perseguem, pelo contrário, quer incomodar, quer brigar pelo direito à voz, à escrita, a ser enxergada longe da camuflagem que o preconceito cercou os negros.

Tal poesia possui como parâmetro norteador sua autoria, pois o autor é pertencente a uma Comunidade Remanescente de Quilombo<sup>4</sup> e transporta para seus versos o poder que reina dentro da comunidade, sabendo resgatar a memória de seus ancestrais, respeitando a sabedoria dos mais velhos e as utilizando para perpetuação de sua história, tendo a possibilidade de reconhecer a grandeza que é fazer parte de uma história que remete à sabedoria, à resistência, à coragem que luta sempre pelo coletivo e está sempre em busca do bem de todos e reivindicando seu direito em existir, mas Silva (2017) acrescenta:

Como existir diante de uma não existência? A pergunta pode parecer retórica, mas é fundamental para explicar, em um país diaspórico como o Brasil, a urgência de uma escrita literária, cujo comprometimento deva ser o de endossar uma política cotidiana, em que a humanidade de africanos e seus descendentes, distorcida pela história, encontre o fio da reconstrução das narrativas orais aqui deixadas e, até hoje, não sabidas, embora singulares à existência de nossas memórias (Silva, 2017, p. 16).

Ao pensar numa poesia escrita por Quilombolas, pensamos em autoras e autores que vivem ou viveram suas vidas dentro do Quilombo, rodeados por histórias de um passado, que estão conectadas com o presente na vida dos

<sup>4</sup> A expressão “comunidade remanescente de quilombos”, portanto, reapareceu, no final da década de 1980, não apenas para descrever um processo de cidadania incompleto. Veio também sistematizar um conjunto dos anseios por mudanças de parte da sociedade brasileira. Veio solicitar a proteção, por parte do Estado, das terras e manifestações culturais populares, indígenas e afro-brasileiras (Leite, 1999, p. 130).

quilombolas, pois o próprio quilombo é carregado de memórias que estão vivas e da luta, é isso que faz com que o ciclo, continue, com a possibilidade de descobrir sobre o universo de seus antepassados através da tradição oral. Segundo Paul Zumthor<sup>5</sup> (1985):

O que se conhece por **tradição oral de um grupo social** é formado por um conjunto de intercâmbios orais ligados a comportamentos mais ou menos codificados, **cujas finalidades básicas são manter a continuidade de uma determinada concepção de vida e de uma experiência coletiva** sem as quais o indivíduo estaria abandonado à sua solidão, talvez ao desespero. (...) nossa própria cultura – racional e tecnológica – do fim do século XX está impregnada de tradições orais e sem elas dificilmente subsistiria (Zumthor, 1985, p. 4, grifo nosso).

Tradições orais que são repassadas por séculos a fio e que dizem respeito as histórias dos antepassados, dos momentos vividos dentro do quilombo e até mesmo fora dele. São saberes dos velhos transmitidos aos mais novos para que possam perpetuar as tradições de sua comunidade, diferente do que se pensa, a tradição oral vai muito além de lendas e histórias, como Amadou Hampâté Bâ<sup>6</sup> (2010) traz-nos: “Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial” (Hampâté Bâ, 2010, p. 169). Simplificar o uso das tradições orais apenas a contação de histórias limitaria sua grandeza e sua utilização.

A Poesia Quilombola, encontra-se num lugar de descoberta, num paralelo entre aceitação e conhecimento, mesmo que a Literatura Afro-brasileira atualmente já tenha um pouco mais de visibilidade, com escritores e obras conhecidas nacionalmente e algumas até internacionalmente, o campo de estudo dessa literatura, apesar de já estar mais abrangente, ainda não podemos afirmar que a Poesia Quilombola seja de total conhecimento dos estudos sobre Literatura Afro-brasileira. Talvez por não enxergarem no quilombo um lugar que possa vir a dar lucros ou de pessoas que não sejam capazes de produzir literatura.

Essa ousadia da Poesia Quilombola de colocar-se como literatura no

<sup>5</sup> Nascido em 1915, em Genebra, atuou como linguista e historiador literário. Publicou diversos livros e contribuiu com artigos para revistas universitárias e de crítica. Morreu em 1995, no Canadá, onde se tornou cavaleiro da Ordem Nacional de Quebec devido a suas contribuições no campo acadêmico.

<sup>6</sup> Amadou Hampâté Bâ foi historiador, genealogista, escritor e memorialista que, preocupado em preservar a memória tradicional africana, empenhou-se em coletar, transcrever e traduzir grande parte de um patrimônio ameaçado de cair no esquecimento.

“mercado” literário pretende propor uma escrita que vai além do papel ou da fala, mas que materializa sentimentos próprios dos quilombolas, vividos no hoje, no ontem e para o futuro. A Filosofia Sankofa africana, definida segundo Elisa Larkin Nascimento (2008), explica que este movimento que executa a Poesia Quilombola é aquele de “‘voltar e apanhar de novo aquilo que ficou para trás’, ou seja, aprender do passado e construir sobre suas fundações” (Nascimento, 2008, p. 31). É por meio de um resgate do passado, que o futuro será construído.

### **3 Do silêncio à voz - “quilombolas do Tocantins: palavras e olhares”**

A obra de que tratamos neste trabalho é um livro em formato *e-book* produzido por poetas quilombolas de diversas regiões do Estado do Tocantins. A construção do livro “Quilombolas do Tocantins: palavras e olhares”, não está vinculada apenas a percepção individualizada de uma comunidade remanescente, mas busca, coletivamente, trazer para sua narrativa o olhar das diversas comunidades negras do Estado. Essas comunidades estão a lutar por seu lugar de direito e por manterem vivas suas histórias e tradições e deixarem que o legado de seu povo permaneça resguardado no interior de seu território e tenham a possibilidade de transmitir para todos aqueles que buscam olhar sem cobiça ou destruição, que estão dispostos a conhecer e desfrutar de vivências, histórias e saberes ancestrais, porém com respeito e sensibilidade.

As poesias aqui apresentadas fazem parte de um livro digital produzido em 2016, pela DPAGRA – Defensoria Pública Agrária do Estado do Tocantins, no Concurso Cultural “Ser Quilombola”, organizado por Pedro Alexandre Conceição Aires Gonçalves e Rose Dayanne Santana Nogueira. O livro é composto por 17 poemas, escritos por membros das 12 Comunidades Quilombolas do Tocantins. Para a proposta deste trabalho, utilizaremos apenas os poemas de autoria das Mulheres Quilombolas, como Amária de Sousa, Débora Lima e Maria Aparecida de Sousa (2020) explicam que: “Quando se fala em quilombo, pouco é dito sobre as Mulheres Quilombolas, apesar de a maior parte dos quilombos ser liderada por elas” (Lima; Sousa; Sousa, 2020, p. 91). Não são grandes intelectuais ou renomeadas escritoras, mas possuem a força que vem da certeza de saber quem são, de onde vieram e para onde devem ir.

Como Ana Rita Santiago (2017) diz, que a falta de espaço de fala da mulher negra “explicita outras faces do racismo e do sexismo vividos por intelectuais

negras” (Santiago, 2017, p. 59). Esse lugar do silenciamento e invisibilidade impostos à mulher negra é uma das faces para o racismo internalizado na sociedade (estrutural), porém, é necessário enfatizar que no decorrer dos séculos, muitas ativistas negras vêm lutando contra o racismo estrutural, como é o caso da antropóloga, ativista, professora, filósofa e militante Lélia Gonzalez, uma das principais intelectuais brasileiras do século XX, responsável por defender o direito das mulheres negras e oportunizar o reconhecimento do poderio feminino. Ela mesma diz que:

Quando a gente anda por este Brasil afora e conhece os movimentos regionais, uma coisa se evidencia com maior clareza: a presença crescente, e muitas vezes majoritária do mulherio. E, ainda mais, dá pra perceber que as lideranças desses movimentos, em muitos casos, é dela, mulher negra. O que não é de espantar, pois enquanto setor mais explorado e oprimido, e consciente disso, ela vê muitas coisas do sistema não só na sua estratégia de exploração dos trabalhadores, mas enquanto organização racista e sexista (Gonzales, 2018, p. 115).

As Mulheres Quilombolas que têm seus poemas aqui selecionados reivindicarão seus direitos em existir e de ocupar espaços dantes negados. Colocando-se como pertencentes do lugar que habitam e assumindo o papel de ser exatamente tudo aquilo que não lhes permitem acessar. São mulheres que estão à frente de suas comunidades, trabalhando no roçado, fazendo farinha de mandioca, mexendo no pilão, cuidando dos filhos, pegando água nos rios, lavando roupa nos córregos, costurando, fazendo artesanato, cozinhando no fogão a lenha e que também usam a escrita como um ato de resistência e para transgredir regras que possam lhes impedir de falar.

A partir disso, iniciemos, com o poema de Dayana Rodrigues (2016) que faz parte da Comunidade Malhadinha, em Brejinho de Nazaré, o poema “Meu Quilombo”:



Fonte: *Quilombolas do Tocantins: palavras e olhares*

Sou criança...  
Ainda estou na  
infância  
Sei pouco do  
passado  
Que os homens negros  
sofreram  
Que muitos até  
morreram  
Assim os mais velhos me contaram

Na escolinha da  
comunidade Li livros  
que contam estórias  
De palácios, reis e  
rainhas De poesias de  
amor  
Li até a canção do  
exílio  
Que o poeta  
escreveu, Minha  
terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá.  
Poeta não conhece o meu quilombo

[...]  
Homens pretos  
de cor, Netos da  
escravidão

Tem cultura e devoção,  
Sussia, folia e festa de  
São João Tem história de  
vovô  
Mulher cantando no pilão,  
Meninos descalços  
rodando pião.

Meu quilombo não tem esmola  
Tem criança, jovens e idosos  
na escola Tem cana de açúcar e  
rapadura Colheita do piqui  
A soca do arroz O doce de  
buriti  
Tem fé e tradição

Tinha Raimunda  
parteira Dona  
Antonia boleira  
E Domingas rezadeira. (Rodrigues, 2016, p. 18)

De imediato, trata-se de um poema, composto por trinta e seis versos e divididos em quatro estrofes. A primeira estrofe, possui um esquema de rimas emparelhadas, porém no decorrer das estrofes, com versos soltos. O poema se inicia, com um eu-lírico afirmando ser uma criança, que pouco sabe das coisas que aconteceram em seu passado e tudo que vem a relatar, diz respeito ao que ouviu dos mais velhos.

Os versos se iniciam com algo que existe em abundância no quilombo: as memórias. Evaristo (2009) afirma que “A Literatura Negra é um lugar de memória” (Evaristo, 2009, p. 19). Seja através dos saberes dos mais velhos, nas construções, pelo sobrenome, cada passo dado dentro do quilombo carrega memória, também o chão que pisam é revestido de memórias. Uma criança que tenha a consciência, ainda que, limitada por sua pouca vivência, é algo que faz parte das Comunidades quilombolas, pois, as histórias são contadas e experienciadas por todos, independentemente da idade.

Rodrigues (2016) apresenta-nos, sua “escrevivência”, escrita que surge através do que é vivenciado por ela, mas que fique evidente que essa “escrevivência” não é uma escrita narcísica<sup>7</sup>, pelo contrário, ela busca tratar de acontecimentos que ocorrem de maneira coletiva, que englobam toda a comunidade e não membros isolados. São situações e vivências experienciadas por todos da comunidade e que podem acontecer por meio da oralidade, que é tão valorizada e respeitada nos quilombos.

Outro ponto dos versos de Rodrigues (2016), dos livros que são utilizados para seu ensino dentro da comunidade, estes, que não abordam sobre o quilombo, tratam das histórias dos palácios, reis e rainhas, é preciso uma reflexão sobre as histórias que são contadas pelos mais velhos. Das histórias que falam do povo guerreiro que lutou para conquistar suas terras. Do povo que usou de sua religião e dança para suportar as batalhas diárias.

Gabriela Pereira Silva (2016) da Comunidade Prachata, em Esperantina,

---

<sup>7</sup> Na psiquiatria e na psicanálise, o termo narcisismo mostra a condição mórbida de um indivíduo que tem interesse exagerado pelo seu próprio corpo.

revela-nos no poema “Ser Quilombola”:



Fonte: *Quilombolas do Tocantins: palavras e olhares*

Não é só para contar da minha cor  
Mas, sim para da minha família falar  
Não de agora, mas dos meus  
antepassados  
Que há muitos anos foram  
escravos.

Por causa deles, hoje, sou jovem  
quilombola  
Sou uma jovem com muitos sonhos  
Cujos quais ainda não vou poder  
realizar E com os direitos que  
nós quilombolas  
Estamos conquistando vou conseguir concretizar.

Família criada com muita tradição  
Que vem passando de geração em  
geração  
Que se realiza sempre e jamais será  
esquecida  
Pois faz parte das nossas vidas [...] (Silva, 2016, p. 58)

Poema composto por treze versos, com três estrofes, onde os versos soltos se unem para contar a história do eu-lírico, que traz a construção de sua família, alicerçado as tradições de seus antepassados. Pensar que, se hoje existem as comunidades Quilombolas, é por muitos que lutaram no passado, que tiveram que fugir da morte ou enfrentá-la e acabaram por unir-se nos Quilombos. É necessário falar desse povo.

O Quilombo remete à união, ao coletivo, a pensar num todo, nas histórias que se entrelaçam para formar a completude que existe nas relações entre as pessoas que ali habitam. Ao escutar as histórias que se passaram antes, que podem começar a se entender como participantes daquela comunidade quilombola, se perceber como mais um responsável por guardar os tesouros que são as tradições e as memórias, e saber carregar as marcas que permanecem das histórias.

Questionamentos precisam ser realizados. Onde está a poesia que conta a respeito da luta do negro. Que retira do quilombo o peso de ser apenas o lugar de

refúgio de negros fujões. Porque os livros só contam da beleza que o branco diz que é bela. Onde está escrito a história de Maria Aranha, Dandara, Anastácia, Aqualtune, Tereza de Benguela e como foram essenciais na luta pela liberdade de seu povo. Por essa razão, o “Poeta não conhece o meu quilombo”. Construir um caminho que conduza a passagem de vozes vindas dos quilombos para a educação é uma das propostas aqui defendidas, pois entender que, muitas vezes, essas vozes não são consideradas e, por esse motivo, não estão nos ensinamentos escolares sobre poesia. Evaristo (2017), em um trecho de seu poema “Do velho ao jovem”, diz: “O que os livros escondem, As palavras ditas libertam. E não há quem ponha Um ponto final na história” (Evaristo, 2017, p. 91-92).

Tudo aquilo que não é contado nas linhas dos livros (esses, que podem vir a queimar-se ou ser esquecido pelo tempo), encontra-se na memória e na sabedoria de nossos velhos. E, mesmo que venham a deixar-nos, seus registros permanecerão vivos e sendo transmitidos às novas gerações. É valorizar a “Mulher cantando no pilão”, “O doce de buriti”, a “fé e tradição” que muito existe no quilombo, ou a “folia e festa de São João”, ou “Domingas rezadeira”; é ter a sensibilidade de reconhecer que, a partir da simplicidade dos acontecimentos, que encontramos a grandeza dos gestos e afetos. Uma poesia que privilegia o leitor, pois possibilita ir a lugares muitas vezes não habitados ou esquecidos da memória e deixa conhecer as comunidades quilombolas a partir de dentro para fora.

Para falar de lugares que despertam sentimentos mais profundos, que Maria Anita Gualberto Pereira (2016) conta-nos em seu poema “Ser Quilombola: ter lugar, ter beleza”



Fonte: *Quilombolas do Tocantins: palavras e olhares*

Ser quilombola é falar do  
meu lugar  
Do meu sertão dianopolino.  
Falo tudo o que tiver  
Do lugar onde eu ensino.

É respeitar os pássaros que  
cantam alegremente

Alegando a  
natureza  
Voam que voam  
no céu Veja  
quanta beleza.

[...]

Ser quilombola é ter seriema  
e o pato  
Ter um pé de jatobá  
Cantam muito  
alegremente O  
nhambu e o sabiá.

Vou terminando meus  
versos  
Com um abraço  
apertado  
Até em outro  
encontro  
Acho que está bem contado. (Pereira, 2016, p. 50)

O poema de Pereira (2016), possui vinte cinco versos, distribuídas em seis estrofes. Nos versos sete e oito, com uso de pleonismo. Com versos soltos. Com o eu-lírico que aborda de seu lugar, do espaço que compartilham com animais a alegria de conviver com prazeres que vem da natureza. Versos entoados que poderiam ser cantados por tanta beleza. Nota-se que o respeito é um dos maiores bens dentro do quilombo. Saber respeitar os pássaros que cantam, demonstra quão grandiosos são para um quilombola. Em um mundo onde pessoas apreciam macacos em zoológicos, papagaios em gaiolas, ter a possibilidade de observá-los livremente é um privilégio. A natureza torna-se um santuário sagrado e que deve ser respeitado, pois os quilombolas entendem sua importância no hoje e para as futuras gerações.

Ainda, vimos que alguns estereótipos acabam por deslegitimar a luta dos Quilombolas, em ser reconhecidos como membro social, a partir do momento que a sociedade tapa os olhos para dentro do quilombo. Isso diz muito sobre o racismo que o negro precisa enfrentar diariamente. A quebra do preconceito faz parte de um processo de resistência que há muito tempo as comunidades quilombolas necessitam enfrentar, mas, por vezes, encontram-se sozinhas nesta batalha. Ana Maria Martins Queiroz (2012) aponta que “os processos de constituição dos territórios quilombolas revelam a busca, por parte dos povos negros, por uma cidadania que jamais foi possível para esse grupo étnico-racial” (Queiroz, 2012, p. 98).

A importância do território é fundamental para a continuação das manifestações da cultura quilombola, que “ao buscar o reconhecimento como território quilombola, o negro está, de certa maneira, tentando encontrar meios que lhe permita reconstituir sua história a partir de si mesmo” (Queiroz, 2012, p. 99-100). Não como algo estanque, mas que se modifica conforme as identidades de seus habitantes. Ter um território demarcado e protegido reforça o pertencimento identitário e cultural dos quilombolas. Como Selma Dealdina (2020) diz:

Os territórios quilombolas vêm resistindo ao longo dos anos a um quadro de total abandono no que diz respeito a políticas públicas, sem acesso a saneamento básico, direito de moradia adequada, políticas de educação escolar quilombola ou saúde. Agravam essa situação os permanentes conflitos em defesa dos territórios, o que tem submetido a população quilombola à violência psicológica, moral e física, como a iminência de despejos ou remoções forçadas, a prática de racismo ambiental, restrições ao direito de ir e vir, ameaças à vida e assassinatos, só para citar alguns exemplos (Dealdina, 2020, p. 27).

Ao pensar sobre o quilombo, como espaço que se ocupa, Laurenita Gualberto (2016), da Comunidade Lajeado, em Dianópolis, em seu poema “Sou quem Eu sou”, enuncia a voz da resistência:



Fonte: *Quilombolas do Tocantins: palavras e olhares*

Sou uma quilombola  
guerreira  
Guerreira com muito  
amor  
Não uso arma, nem tão  
pouco espada  
No pensamento carrego a  
dor

Negra de  
coração  
Corajosa por  
herança  
Amiga da  
liberdade  
Com um coração de criança

Negra e refugiada  
Faço da resistência o meu  
escudo  
Descendente de escravos  
Meu quilombo é meu mundo

Tenho fé e acredito  
No resgate da  
identidade  
Em meio a tantas  
lutas  
No quilombo há felicidade. (Gualberto, 2016, p. 34)

É possível identificar no poema dezesseis versos em quatro estrofes. A primeira estrofe é composta por um esquema rítmico: ABAB, os outros versos soltos complementam o poema. Nos versos cinco e doze, identificamos uma metáfora. Com um eu-lírico que se afirma como quilombola. Existe na voz do negro, a consciência de um povo que possui como herança o sangue dos que foram resistência diante de todo o período de escravização. A coragem, sempre foi um dos pontos fortes dessa luta, Dandara companheira de Zumbi dos Palmares, tornou-se uma das referências de força para as mulheres negras: “guerreira, aprendeu a fabricar espadas e a lutar com elas, corajosa, liderava seus companheiros na luta pela liberdade” (Souza, 2017, p. 16). Sempre esteve empenhada na busca pela libertação e tornou-se uma visionária, por propor estratégias que ampliassem o poderio de Palmares e dessa forma o trabalho escravo fosse extinto, essa força segue sendo ancora para as guerreiras atuais.

Complementando a afirmação de Freire (1994) sobre o caráter de libertação que existe no quilombo, Beatriz Nascimento (2021) afirma:

A importância dos “quilombos” para os negros na atualidade pode ser compreendida pelo fato de esse evento histórico fazer parte de um universo simbólico em que seu caráter libertário é considerado um impulsionador ideológico na tentativa de afirmação racial e cultural do grupo (Nascimento, 2021, p. 71).

Essa afirmação racial e cultural está descrita nos versos de Rosâna Pereira de Souza (2016), da Comunidade Cocalinho, em Santa Fé do Araguaia, em seu poema “Ser Quilombola”, descreve a alegria de suas origens:



Fonte: *Quilombolas do Tocantins: palavras e olhares*

É preservar nossos costumes culturais no respeito aos antepassados, é o canto de alegria no plantio da roça do vizinho, onde a terra é vida e da terra nasce a água doce da cacimba no pote de barro e o canto dos passarinhos. O latido do cachorro ao acompanhar seu dono, na saída para pescada do peixe para o alimento da família.

[...]

Ser quilombola nesse querido quilombo,  
povoado de muita história e cultura para ensinar  
e aprender

Lugar onde o brincar na chuva, o sentir da terra sobre os pés descalços no chão, viver cada segundo as histórias de vida e lutas contadas pelos mais velhos e seus antepassados, lugar de pessoas acolhedoras, esse é meu quilombo.

Onde o brilho do luar encanta o anoitecer no quilombo, tendo como luz uma pequena vela no canto da casa que está alumiar as longas e longas histórias de vida guardada na lembrança narrada, com pequenas falhas na memória dos mais velhos.

É o despertar do amanhecer com canto do galo e o doce aroma de café que soa pelo ar vindo de um pequeno fogão a lenha, onde a madeira queima intensamente. (Souza, 2016, p. 74)

Há uma forte simbologia nos versos desse poema, que remete a um lugar de aconchego, de cuidado, de sabedoria, de simplicidade e do sagrado. Está poeta transporta o leitor para o colo da avó, para as histórias contadas na infância, para os remédios caseiros, para as rezas que são herança dos povos africanos e permanecem vivas no dia a dia. Os negros escravizados foram retirados de sua terra e colocados num lugar que não desejavam, e isso nos faz refletir sobre o processo de plantar, de como essas pessoas foram plantadas numa terra ruim, mas, mesmo assim, souberam florescer e dar frutos.

Compreender que não necessitam de muito, de grandes riquezas, para enxergar a grandeza de singelos momentos, o ato de iluminar para ouvir sobre o brilho que existe na voz dos “doutores” do quilombo. Esses versos despertam os cinco sentidos, “visão, audição, paladar, olfato e tato”, ao trazem as memórias sensoriais, contribuem para o despertar da conscientização e da preservação de tais conhecimentos e emoções.

Ainda, o poema deixa ver que respeitar a terra que lhes dá o sustento e que habitam, faz parte dos maiores ensinamentos do quilombo, pois “as comunidades quilombolas assumem formas próprias de organização, que remontam a uma ancestralidade de povos africanos (...) travam diariamente o embate pelo direito à terra e ao território” (Almeida, 2020, p. 151). O território é, assim, o lócus de pertença e de ação coletiva.

O Quilombo se humanize, neste trabalho, por meio da fala, da escrita poética de mulheres negras. Que as mulheres negras sejam sujeitas de suas próprias vidas e ergam a voz, para se libertar. Uma libertação que vem por meio da escrita, do processo de *escrever*, como já conceituado por Conceição Evaristo, onde se está vivendo e transcrevendo sua própria realidade, seus costumes, suas tradições. As poetisas quilombolas aqui trazidas são mulheres que resgatam sua ancestralidade, que conhecem sobre seu lugar e que lutam para que seja respeitado, admirado e conhecido como lugar de saberes únicos e relevantes para todos.

#### **4 Considerações finais**

Neste trabalho, apresentamos a Poesia Quilombola de autoria de Mulheres Quilombolas como elementos para um possível caminho pedagógico que leve à construção de novas propostas educacionais. Ao compreender que o sistema educacional ainda possui lacunas sobre a histórica afro-brasileira e que, apesar dos avanços que os Movimentos Negros possibilitaram, através de seu engajamento na luta pelos direitos dos negros, ainda é necessário apontar novos trajetos, inserir novas reflexões nos debates e verbalizar sentimentos que permanecem encobertos.

Dentro da proposta pretendida neste trabalho, houve a necessidade em percorrer desde o início da tomada de consciência para a busca por direitos dos grupos étnico-raciais, entendendo que a luta sempre foi pelo coletivo, até chegarmos na análise de uma poesia que emerge de quilombos contemporâneos. Foi preciso partir da resistência que se iniciou lá nos quilombos do final do século

XVI e passar pela construção histórica dos Movimentos Negros para se chegar na Poesia Quilombola com a autoria de Mulheres Quilombolas de hoje.

A Poesia Quilombola de autoria de Mulheres Quilombolas, busca reafirmar o pertencimento dessas mulheres, de se colocar como agentes responsáveis em preservar memórias, assim como nos disse bell hooks, os poemas apontam para mulheres que já estiverem silenciadas e precisam erguer a voz contra as imposições da sociedade. Elas reivindicam seu direito à voz, seu direito de estar no mundo através de seus versos, em contribuir para novas reflexões, pois é pôr do exercício em propor novas ideias que as transformações poderão acontecer.

Outro aspecto relevante na análise das Poesias Quilombolas está em utilizá-las na escola, para que aconteça um ensino por meio delas. Percebemos a necessidade de uma educação que se proponha em contribuir para uma mudança na maneira como atualmente o quilombo é estudado nas escolas, visto que os livros didáticos somente apresentam o Quilombo de maneira generalizada e com apenas uma narrativa.

Diante disso, concordando com Conceição Evaristo, que tudo aquilo que os livros escondem, as palavras ditas libertam. É preciso ir além do que os livros nos propõem, ir em busca das vozes que não estão inseridas nos cânones, vozes que resgatam a sabedoria ancestral e despertam a necessidade em conhecer mais sobre sua própria história. Utilizando novamente bell hooks, que faz um chamamento às mulheres negras para erguer a voz como um ato de liberdade, as Mulheres Quilombolas estão sendo convocadas a escrever, a falar, a mostrar sua potência e a fazer da poesia um ato de resistência.

## Referências

ALMEIDA, Carlídia P. Sementes crioulas, da ancestralidade para a atualidade: o protagonismo dos saberes tradicionais do povo quilombola de Lagoa do Peixe. In: **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas.** (org.) Selma dos Santos Dealdina. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020. 168 p.

ALVES, Miriam. **BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea.** Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia do quilombo. In: Clóvis Moura. **Os quilombos na dinâmica social do Brasil.** Maceió: EDUFAL, 2001.

BOSI, Alfredo. **Poesia como resistência à ideologia dominante.** [Entrevista

concedida à] Paulo Hebmüller e Daniel Garcia. Revista Adusp, São Paulo, n. 58, p. 6 – 17, dezembro, 2015.

CARNEIRO, Edison. Singularidades dos Quilombos. In: Clóvis Moura. **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2001.

CORTÉS, Jair. [Depoimento]. Edson Cruz. **O que é poesia?** Rio de Janeiro: Confraria do Vento: Calibán, 2009. 144p.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.  
DEALDINA, Selma dos Santos. (org.). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020. 168 p.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Revista Scripta**. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31. 2º sem. 2009.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. 126p.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes 2017.

GONÇALVES, Pedro A. C. A.; NOGUEIRA, R. D. S. (org.). **Quilombolas do Tocantins: Palavras e Olhares**. Palmas: DPAGRA, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA Editora, 2018.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010.

HOOKS, bell. **Intelectuais Negras**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 2, 1995.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. (org.). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos**. Organização de Alex Ratts. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Maria Nascimento. Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias da destruição. **Diáspora Africana**. Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. **Revista do Patrimônio**, Brasília, v. 25, n. 25 p. 71-81, 1997.

NASCIMENTO, Solange; ABIB, Pedro R. J. Outros olhares, outros fazeres: valores afro-brasileiros na educação quilombola. **Escritas: Revista de História**, Araguaína, v.12, n. 1, 2020, p. 171-185.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p.7-28, dez.1993.

OLIVEIRA, Patricia Anunciada de. Cadernos Negros e Poesia Afro-brasileira em evidência. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, nº 11, dezembro 2020.

QUEIROZ, Ana Maria Martins. **Um quilombo no terreiro [manuscrito]**: território e identidade em Manzo Ngunzo Kaiango. Belo Horizonte- Minas Gerais, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 112p.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES, Wallace; MORAIS, Patrícia Karla. O silenciamento das vozes subalternas na Literatura Afro-brasileira: uma análise da obra “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus. **Revista Linguagens - Revista De Letras, Artes E Comunicação**, 13(3), p. 503–515, 2019.

SANTIAGO, Ana Rita. Intelectuais Negras: Entre a invisibilidade e a Resistência. In: **Descolonização do conhecimento no contexto afro-brasileiro**. (org.) Ana Rita Santiago... [et al.]. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2017.

SILVA, Rosemere Ferreira da. Entre o literário e o existencial, a “Escrevivência” de Conceição Evaristo na criação de um protagonismo feminino negro no romance Ponciá Vicêncio. **Revista Entreletras**, Araguaína/TO, v. 8, n.1, jan/jun. 2017.

ZUMTHOR, Paul. **Introduction à la poésie orale**. Paris: Seuil, 1983.

*Submetido: 16/10/2024*

*Aceito: 13/8/2025*